



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, às rádios comunitárias Maria Rosa, de Curitibanos (SC), Heliópolis, de São Paulo (SP), Líder, do Recanto das Emas (DF), Oito de Dezembro, de Vargem Grande Paulista (SP), Santa Luzia, de Santa Luzia (MG), Cidade, de Ouvidor, (GO), Fercal, de Sobradinho (DF) e Integração, de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul.

Palácio do Planalto, 02 de dezembro de 2010

Luciano Seixas: Olá, você em todo o Brasil! Eu sou Luciano Seixas e, a partir de agora, a entrevista do presidente Lula a rádios comunitárias de todo o Brasil. Esta é uma parceria da Secretaria de Imprensa da Presidência da República com a Associação Brasileira de Rádios Comunitárias [Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária], Abraço, e a EBC Serviços. O áudio da entrevista está disponível via satélite para todo o Brasil no mesmo canal da Voz do Brasil e também na internet, na página da Abraço www.abraconacional.org.br [www.abraconacional.org] e no Blog do Planalto <http://blog.planalto.gov.br> [http://blog.planalto.gov.br].

Estão conosco, no Palácio do Planalto, Inês Fortes, da rádio Maria Rosa, de Curitibanos, Santa Catarina; Geronino Barbosa, da rádio Heliópolis, de São Paulo, capital; João Moreno, da rádio Líder, Recanto das Emas, Distrito Federal; Jerry Oliveira, da rádio Oito de Dezembro, de Vargem Grande Paulista, São Paulo; Alexandre Nery, da rádio Santa Luzia, de Santa Luzia, em Minas Gerais; Mamede Leão, da rádio Cidade, de Ouvidor, Goiás; Mara Rodrigues, da rádio Fercal, de Sobradinho, Distrito Federal; e Alan Camargo, da rádio comunitária Integração, de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul.

Hoje, dia 2 de dezembro de 2010. Bom dia, presidente Lula.

Presidente: Bom dia, Luciano.



Luciano Seixas: Bom, vamos começar, então, com a participação da Inês Fortes, da rádio Maria Rosa, de Curitiba, Santa Catarina. Bom dia.

Inês Fortes: (inaudível) presidente Lula.

Presidente: Bom dia, Inês.

Inês Fortes: Bom dia, presidente Lula. Nós estamos aqui, mais uma vez, tendo esta oportunidade de estar contigo, já que estive várias vezes em Curitiba antes de ser Presidente. Lembrando que nós estamos aqui também ligados com todas as filiadas Abraço nacional e são todas com transmissão ao vivo pelo site da Abraço, então, milhares de brasileiros estão ouvindo hoje esta entrevista.

E, para iniciar, eu queria perguntar para o senhor a respeito da Lei 9.612, que foi instituída em [19]98, e somente com a instituição dessa lei, mais de 20 mil pedidos de outorga foram encaminhados e dada entrada no Ministério, e também 15 mil rádios, elas foram ao ar como forma de pressão. Entretanto, levou dois anos para a primeira rádio ser outorgada. Somente em 2002 a primeira rádio foi outorgada. Nesse período, de lá até aqui, o país acumula mais de seis mil militantes criminalizados. São iniciativas e comunidades constrangidas e desarticuladas que até hoje aguardam o seu reconhecimento.

Como o senhor vê esse cenário e como o senhor avalia o seu governo, sabendo que ações de repressão às rádios comunitárias continuam?

Presidente: Ô Inês, primeiro eu queria aproveitar e cumprimentar todos os companheiros das rádios comunitárias que vieram aqui, e as companheiras, para que eu não cumprimente um por um depois. E dizer, Inês, que certamente



eu vou deixar o governo com dívida muito grande ainda com a democratização dos meios de comunicação no Brasil, embora a gente tenha avançado muito. Se a gente pegar o número de rádios comunitárias reconhecidas no nosso governo com as rádios comunitárias reconhecidas até 2002, nós vamos chegar à conclusão de que nós fizemos praticamente o dobro, ou seja, foram 2.490 rádios comunitárias. Poder-se-ia... – você gostou do “poder-se-ia”, hein? – a gente poderia ter feito mais rádios comunitárias, poderia ter ligado mais. Nós mandamos a lei da descriminalização, que não foi aprovada no Congresso porque nós trabalhamos com uma correlação de forças e vocês acompanharam muito de perto o sufoco que eu passei para aprovar cada coisa... Na Câmara menos sofrível, mas no Senado era uma coisa muito sofrida porque a correlação de forças era muito apertada, era uma coisa que não era fácil. Além do quê, você tem problemas, você tem problemas ainda, visões equivocadas no Ministério Público, você tem uma força muito grande ainda dos meios de comunicação chamados oficiais, e nós precisamos estabelecer uma melhoria na nossa correlação de força política para esse debate.

Você, certamente, compreenderá que a Confecom foi um passo extremamente importante, não foi fácil a gente chegar a fazer a Confecom. A partir dela, nós estamos hoje mais preparados do que nunca para começar a discutir um novo marco regulatório para as comunicações no Brasil – também não vai ser uma tarefa fácil. Eu digo sempre para o ministro Franklin Martins: nós vamos deixar, possivelmente, um desenho para a presidenta Dilma, um desenho para o próximo ministro das Comunicações e o Ministério das Comunicações passa a ganhar uma força muito maior, exatamente por causa do novo marco regulatório. Nós vamos ter que fazer esse debate, custe o que custar ele terá que acontecer, e vai ter que participar todo mundo. Vocês têm que se preparar para o debate político, ou seja, tem tempo de protestar, tem tempo de executar e tem tempo de se organizar politicamente para a gente



poder ganhar força política e fazer as coisas que precisam ser feitas. Eu acho que a partir desse marco regulatório, a gente pode resolver, senão cem por cento, mas, definitivamente, o problema da comunicação no Brasil e acabar com esse processo de deformação que existe hoje.

E quando eu falo de rádio comunitária, eu quero lembrar a vocês que desde 1985 eu vinha a Brasília pedir uma rádio para o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e um canal de televisão, e somente agora, oito anos depois, é que nós conseguimos um canal, que acho que é lá em Mogi das Cruzes, ainda – não é nem em São Bernardo, não é nem em Santo André –, que está funcionando de forma precária, porque toda a estrutura feita não é para facilitar a democratização. É para manter o monopólio, é para manter o controle. E eu acho que isso a gente começa a mudar depois da Confecom, começa a mudar, e eu acredito que como cidadão brasileiro e militante político eu vou poder participar ativamente junto ao governo, junto às entidades da sociedade civil para que a gente politize esse debate sobre o novo marco regulatório e que a gente tenha a questão da telecomunicação resolvida no nosso país, definitivamente.

Luciano Seixas: E agora, a participação de Geronino Barbosa, da rádio Heliópolis, de São Paulo, capital. Geronino, bom dia.

Geronino Barbosa: Bom dia, Presidente.

Presidente: Bom dia.

Geronino Barbosa: Bom dia a todos os presentes. Bom dia a todas as rádios comunitárias que estão transmitindo, que são as verdadeiras rádios públicas. Sem querer ser demagogo, mas que são rádios que enfrentam... matam um leão por dia, não é, mas que estão lá. E aí eu gostaria de agradecer,



Presidente, por ser o primeiro presidente da República que esteve em Heliópolis com a gente por duas vezes e que esteve e está, a todo momento, junto com os movimentos da população, do povo, a massa mesmo. E agradecer também por estar aqui, presente, representando essas rádios, que eu considero que são verdadeiras rádios públicas.

Mas a pergunta é assim... Muitas manifestações da mídia confundem a liberdade de imprensa com a liberdade de empresa. Como o senhor vê a concentração dos meios de comunicação no Brasil?

Presidente: Olha, Geronino, primeiro, eu fico feliz que você é o tipo da pessoa que mata um leão por dia, mas tem vontade de comer um elefante por dia.

Há uma briga histórica que eu acho um equívoco, que são os meios de comunicação, eles confundirem uma crítica que qualquer pessoa faça a eles como se fosse o cerceamento de liberdade de imprensa. A coisa mais absurda, mais pobre, do ponto de vista teórico, que eu conheço no mundo, é alguém achar que não pode receber crítica, é alguém achar que é intocável. Eu não preciso dizer para vocês da minha relação com a imprensa. Não preciso dizer, vocês conhecem, vocês acompanham, e eu aprendi também a não me queixar. De vez em quando o Franklin acha que eu exagero nas críticas, mas é que eu acho que... eu nunca pedi para ninguém falar bem de mim, eu nunca pedi para ninguém ser favorável, nunca pedi. Eu duvido que tenha alguém que diga que o presidente Lula ligou para alguém: "Olha, não faça tal matéria, fale bem de mim". Nunca pedi. Eu só quero que fale a verdade, eu só quero que fale aquilo que aconteceu. E eu acho que há um monopólio na telecomunicação no Brasil. Nós avançamos, do ponto de vista da democratização. Hoje você já não tem mais um monopólio de um jornal ou de um canal de televisão. Já tem mais... já está mais pulverizado, isso já é um sinal importante.

Quando nós entramos no governo, que nós resolvemos democratizar a publicidade do governo... não pense que é fácil. Nós saímos de 499 meios de



comunicação que recebiam dinheiro do governo para 8.010, ou seja, são mais de dez vezes... dez vezes mais meios de comunicação que receberam. Quando nós começamos a regionalizar a nossa publicidade, quando nós resolvemos regionalizar o nosso investimento em cultura, tudo isso teve uma reação bruta porque você tinha um pequeno grupo que estava acostumado a comer sozinho. Na hora em que você começa a repartir isso, as pessoas se zangam, ficam ruim, falam e... eu acho que nós vamos caminhar. Eu vi quanto o Franklin foi acusado quando ele resolveu fazer a Confecom. Agora, que nós fizemos essa Conferência internacional, que trouxemos, aí, americanos, ingleses, alemães, espanhóis, portugueses, ficou claro para todo mundo que no mundo inteiro tem regulação. Algum tipo de regulação tem, e eu penso que agora eles vão participar desse processo. Acho que nós ainda vamos conseguir.

Por isso, Geronino, que eu estou convencido de que nós vamos conquistar muita coisa na elaboração desse marco regulatório. Eu só queria que vocês compreendessem o seguinte: se preparem, se preparem como ativistas de comunicação neste país, como homens de comunicação deste país para fazer esse debate. Eu acho que esse debate será o grande debate dos próximos dois anos no nosso país e nós temos que estar preparados com argumento, para que a sociedade compreenda que nós não queremos tirar nada de ninguém. Nós queremos apenas ter o mesmo direito que os outros têm de fazer comunicação neste país.

Luciano Seixas: Você está ouvindo a entrevista do presidente Lula a rádios comunitárias de todo o Brasil. Agora contamos com a participação de João Moreno, da rádio Líder, Recanto das Emas, do Distrito Federal.

João, bom dia.

João Moreno: Bom dia. Bom dia, Presidente. Bom dia a todos os



companheiros e companheiras da mesa. Quero mandar um abraço especial lá para o Norte e Nordeste do nosso país, especialmente para o estado do Ceará, que o pessoal está todo sintonizado. Também no Pará, lá na grande Amazonas, agradecer. E são os associados da Abraço, aí, que vem fazendo esse grande trabalho por todo o Brasil que, com certeza, vai referendar ainda mais o nosso trabalho.

Presidente, as rádios comunitárias referendaram todas as suas propostas na Primeira Conferência Nacional de Comunicação, inclusive com o apoio dos setores do governo e empresarial, com a ampliação da potência, o financiamento público e a criação da Subsecretaria de Radiodifusão Comunitária no Ministério das Comunicações, o aumento dos canais para... três canais, e a anistia dos processados. Isso foi o que ficou referendado lá na Confecom. E aí, a pergunta é a seguinte: o que será feito ainda no governo, aí, de Vossa Excelência, e também da nossa futura presidente, Dilma Rousseff?

Queria mandar um abraço especial para o senhor, que é corintiano, eu sou tricolor. Diz que estão... Rolam malas por todo o Brasil. O senhor, como torcedor do Corinthians, já investiu, aí, no Guarani para ver se consegue ganhar esse campeonato?

Obrigado, Presidente. Bom dia.

Presidente: Ô João Moreno, primeiro, bom dia, querido. Começar a dizer para você que eu estou aqui com a carta que vocês apresentaram no nosso Congresso. No sétimo congresso da Abraço vocês apresentaram para nós, na Confecom, uma proposta de resolução que, no meu governo – faltam só 30 dias –, eu não sei se acontecerá mais nada. Mas, você pode ficar certo de que a Dilma, que conhece bem o que aconteceu no governo, a tendência... Quando eu digo que a Dilma pode fazer mais e melhor é porque o carro está andando a 120 [km] por hora, o carro não está mais no estacionamento. Ela só tem agora que pisar um pouquinho mais no acelerador, segurar bem no volante, ela sabe



que ela tem que fazer o ministério das Comunicações ter um papel mais importante do que teve no meu governo, exatamente, por conta do marco regulatório. E a gente foi descobrindo isso em um debate que culminou com a Confecom. Então, eu acho que vocês vão ter uma relação extraordinária com a companheira Dilma, e, certamente, ela vai escolher alguém para o ministério das Comunicações que tenha também uma afinidade com a necessidade da democratização dos meios de comunicação. Se bem eu conheço a Dilma, vocês vão ficar surpreendidos, e bem surpreendidos, positivamente, com a companheira Dilma.

Segundo, dizer para você que, você cumprimentou o pessoal do Pará, o pessoal do Ceará. Eu estou indo ao Ceará ainda no mês de dezembro, vai ser a minha última viagem, eu vou a Juazeiro inaugurar um hospital, depois eu vou a Missão Velha fazer uma visita à Transnordestina e fui ao Pará inaugurar uma obra que estava há 30 anos esperando, que é a eclusa do Tucuruí, que é uma obra monumental. Se um dia você for a Tucuruí, vá visitar, que você vai ver que coisa maluca que é aquilo lá. É uma obra extraordinária.

Eu acho, viu, João Moreno, que tem uma coisa para nós que deve ser considerada sagrada. Há muita desinformação. Eu, muitas vezes, ligava o rádio e ouvia dizendo assim: "... porque as rádios clandestinas estão causando problema nos aeroportos", porque as rádios clandestinas estão causando não sei das quantas, tal...". Você tem o Ministério Público, muitas vezes, com posição equivocada com relação a rádio comunitária. Muitas vezes, você tem, dentro da Anatel, companheiros que têm uma visão equivocada, exatamente pela quantidade de informações que ele recebe. Eu acho que tudo isso vai ficar mais límpido na hora que a gente fizer um bom debate sobre as necessidades das mudanças nas comunicações no Brasil. E esse debate, ele tem que acontecer agora, porque nós temos uma regulação de 1962, é uma coisa muito antiga, não tinha nem fax, não tinha telefone celular, não tinha TV digital, não tinha nada. Quando vocês pensam em dificuldades para a rádio comunitária,



vocês precisam imaginar qual foi a dificuldade que nós tivemos de criar a TV Pública! É muito difícil, e ainda falta muito para a gente consolidá-la. O canal que nós temos em São Paulo é um canal que quase não existe, ou seja, não é uma coisa só para a sociedade, é uma estrutura que foi montada e que para você romper barreiras é muito mais do que um discurso, é preciso que você tenha força política para você fazer as mudanças que têm ser feitas. Eu acho que nós chegamos a um ponto de equilíbrio no debate com a sociedade, exatamente porque você tem mais pluralidade hoje, nos meios de comunicação, que você pode fazer esse debate sem o sofrimento que a gente fazia há cinco anos, há 10 anos, há 20 anos.

Por isso, João Moreno, eu acho... eu sou um cidadão otimista de que a gente pode melhorar muito, e dizer para você que eu acho que a rádio comunitária joga um papel extraordinário no Brasil. Eu lembro quando eu fui uma vez, antigamente, há muito tempo, a Belford Roxo, no Rio de Janeiro, e eu lembro que lá tinha uma rádio, que era uma salinha, megafone em todas as principais ruas, e era ali que as pessoas faziam a publicidade das lojas, era ali que fazia publicidade de outras coisas, comunicava coisas da cidade. Depois eu fui à favela... a Santa Marta, e lá também era através de um estúdiozinho pequenininho, de um megafone, que... “Olha, companheiro Lula, chegou uma carta aqui do seu primo Antônio, do Ceará. Você pode vir buscar”, ou seja, era uma coisa extraordinária, que um cidadão que está em uma sala com ar-condicionado, transmitindo um programa de rádio em uma rádio tradicional não tem noção do que é isso. Por isso eu acho que a luta de vocês valeu a pena e vai valer muito mais, porque nós agora é que estamos com o carro andando com um pouco mais de velocidade.

Luciano Seixas: E agora a participação do companheiro Jerry de Oliveira, da Rádio 8 de Dezembro, de Vargem Grande Paulista, São Paulo. Jerry, bom dia.



Jerry de Oliveira: Bom dia. Bom dia a todos, bom dia Presidente.

Bom, contrariando o companheiro João Moreno aqui, viu, Presidente, eu venho provocando os companheiros da nossa organização, da Abraço, que por maior diversidade que a gente tenha hoje, no Brasil, o Corinthians vai ser campeão domingo. Quanto a isso não resta dúvida. Falando em diversidade, Presidente, diversidade seja na questão esportiva, eu acho que a rádio comunitária hoje, no Brasil, é o que mais representa a diversidade cultural do nosso povo. A gente tem um formato radiofônico no Brasil que, infelizmente, mostra o Brasil de uma maneira só. O Brasil... o cidadão consumidor, e a rádio comunitária quebra isso quando toda diversidade cultural do nosso povo está aqui representada.

Eu queria saudar também os nossos companheiros, que durante esse longo período, foram criminalizados, como o companheiro Cirineu, de Bauru, que ficou 11 dias preso, os companheiros do Brasil todo que foram criminalizados. Mas a nossa luta já é uma realidade. E saudar também, Presidente, as quebradeiras de côco do Maranhão, que estão lá sintonizadas com a gente, em Bacabal, no Maranhão.

É importante a gente frisar isso, e, em cima disso, Presidente, eu quero fazer um debate muito importante. Eu me sinto contemplado com os companheiros, que falaram sobre a questão da rádio comunitária, mas a gente tem que entender que nós estamos também dialogando com a sociedade, e o senhor tem toda liberdade para dialogar. Eu queria fazer a seguinte pergunta, senhor Presidente: É reconhecido, o seu governo, como sendo aquele que empoderou as classes menos favorecidas, e isso, Presidente, é destaque em todo o mundo. Ao mesmo tempo, observamos a reorganização de um discurso conservador e discriminatório, principalmente nessas eleições. O senhor acredita que uma reação conservadora ao governo Dilma, ao governo Dilma, possa se assemelhar ao que o Brasil viveu com o Golpe de 1964?



Presidente: Jerry, primeiro, eu estou com você que, como corintiano, eu não desisto nunca. Eu sou um cristão, acredito em milagre, portanto, nada impede que o Guarani ganhe do Fluminense, o Coringão ganhe do Goiás, e o Cruzeiro perca para o Palmeiras, que já deu férias para os seus jogadores.

Olhe, Jerry, o que eu vi nessa campanha me assustou, porque eu sempre fui vítima de preconceito. Eu carreguei, na vida inteira, e isso as pessoas não percebem, mas o preconceito é uma doença que deixa marcas profundas, quase que incuráveis. E eu não sabia, eu não tinha noção de que eles seriam capazes de fazer uma campanha preconceituosa como eles fizeram contra a Dilma. Só para você ter uma ideia do preconceito: uma candidata do PSOL, em Sergipe, candidata a governadora, a última pergunta que ela fez ao Marcelo Déda, que era o nosso candidato a governador, foi a seguinte: Como é que ele tinha coragem de votar em uma guerrilheira que tinha matado gente, para presidente da República? A pergunta de uma pessoa de um partido de esquerda para o companheiro Marcelo Déda, pessoa com quem ela tinha militado junto. Você veja o nível a que chegou a campanha. Ao invés de você discutir os problemas sociais, você voltou a discutir a questão do aborto como a gente discutia na década de 80, na década de 90. Os conservadores pareciam que tinham quebrado a casca do ovo e começaram a se apresentar ao mundo, apenas porque era uma mulher candidata. Então, eu fiquei muito assustado.

Olha, você sabe, meu caro, no Brasil, nós precisamos sempre ficar alertas com coisas. No Brasil... esse Brasil é surpreendente. O que tentaram fazer comigo em 2005, só não fizeram por causa da minha relação com o povo. Este país já teve um Presidente que se matou, este país já teve um presidente... O Juscelino Kubitschek, que hoje é cantado em verso e prosa, quando ele foi candidato, diziam: “Ele não pode ser candidato; se ele for candidato, ele não pode ganhar; se ele ganhar, ele não pode tomar posse; se ele tomar posse, nós temos que derrubá-lo”. Era isso que diziam do Juscelino,



era isso que diziam. Depois tiraram o João Goulart, depois tentaram fazer comigo o que vocês viram em 2005 – e só não foram mais adiante porque eles tinham medo da minha relação com a sociedade brasileira, eles não sabiam o que poderia acontecer neste país. E eu espero, eu espero, peço a Deus que eles estejam todos mais civilizados e que permitam que a Dilma possa governar este país com a tranquilidade e com a força do voto popular que ela teve, com o respeito às instituições democráticas, e que a gente possa ver o país avançar.

O Brasil está vivendo um momento, Jerry, que nós nunca vivemos. Eu fui dirigente sindical, e aqui, modestamente, eu posso dizer para você que eu fui o melhor dirigente sindical da década de 70, do começo dos anos 80, neste país, fiz as principais greves neste país, e voltava a trabalhar sem ganhar aumento de salário. A gente voltava a trabalhar... se ganhasse um pouquinho perto da inflação já estava bom. Nós estamos há oito anos neste país tendo aumento real de salário, há oito anos. Então, o Brasil melhorou, e eu estou certo de que a Dilma vai fazer mais, as coisas vão continuar avançando, nós precisamos recuperar o tempo perdido neste país.

Eu, quando vejo a gente criar 15 milhões de empregos em oito anos... Neste ano, em que nos Estados Unidos tem desemprego, e que a Europa tem desemprego, neste ano, nós já criamos até dia 30 de outubro, dois milhões quatrocentos e nove mil postos de trabalho com carteira assinada. Então, como é que alguém pode tentar criar embaraço para que isso não continue? Obviamente que adversário é sempre adversário, oposição é sempre oposição, mas eu acho que democracia é sempre democracia. Eu acho que vai prevalecer o bem senso neste país e a gente vai avançar – e avançar muito – para consolidar a democracia do Brasil.

Luciano Seixas: Você está ouvindo a entrevista do Presidente Lula a rádios comunitárias de todo o Brasil. O sinal está disponível no canal da Voz do Brasil



e também na internet, no Blog do Planalto, <http://blog.planalto.gov.br/>, e na página da Abraço, <http://www.abraconacional.org.br/> [www.abraconacional.org] Agora, a participação de Alexandre Nery, da Rádio Santa Luzia, de Santa Luzia, Minas Gerais. Bom dia, Alexandre.

Alexandre Nery: Bom dia a todos, bom dia, presidente Lula e a todos os ouvintes da 87,9, Rádio Santa Luzia FM. A querida cidade de Santa Luzia, Presidente, está localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, e lá existe o bairro da Cohab, o bairro Cristina e o bairro Palmital, que se não é o maior é um dos maiores da América Latina. E eu me identifiquei muito, Presidente, na sua fala, quando você se refere à questão do preconceito dos menos favorecidos. A minha pergunta é basicamente nessa linha: no bairro Palmital, principalmente, existe uma feira, uma feirinha ali, aos domingos. E eu gostaria de saber, Presidente, qual a importância, que o senhor vê, da iniciativa popular, da pequena economia e do aumento da capacidade de consumo dos menos favorecidos? Qual é a relação que o senhor vê na questão da crise mundial?

Presidente: Olha, primeiro, o Brasil, meu querido Alexandre Nery, vive um momento hoje muito interessante. Quando eu cheguei aqui, à Presidência, o Brasil era conhecido, porque era um Brasil que preocupava, era um Brasil que a economia estava desarrumada, era um Brasil que devia ao FMI, era um Brasil que tinha uma série de coisas que todo mundo achava que poderia vir aqui e dar palpite no Brasil. Nós mudamos a lógica. Hoje o Brasil não só não deve mais ao FMI, como o FMI deve ao Brasil US\$ 14 bilhões, que nós emprestamos para eles ajudarem os países que entraram em crise com a crise americana. E nós fizemos aqui... Eu, quando viajo com o Guido, quando viajo com o Meirelles, que viajamos o mundo, tem dois tipos de debate: eles adoram falar – e falam com muita competência – da macroeconomia, “O Brasil agora



tem quase US\$ 300 bilhões de reservas”, “O PIB brasileiro praticamente duplicou”, e eu gosto de falar da microeconomia, eu gosto de falar daquilo que praticamente não aparece nos jornais, mas é o grande sucesso da economia brasileira. Quando nós criamos o crédito consignado, é porque eu tinha uma inquietação, dizer que o pobre não podia entrar no banco para tomar R\$ 100 emprestado. Aí, nós criamos o crédito consignado. Nós fizemos uma revolução no microcrédito neste país, ou seja, a quantidade de dinheiro disponibilizado para o microcrédito no país, nós nunca tivemos. Só para você ter ideia, eu, todo dia 23 de dezembro me reúno com os catadores de papel... de materiais recicláveis, lá em São Paulo. Este ano vai ser o último ano que eu vou me reunir com eles. O ano passado, nós fizemos um financiamento de R\$ 200 milhões para as cooperativas dos catadores de materiais recicláveis. Onde que já se imaginou o BNDES emprestar dinheiro para catador de papel neste país? Nunca, nunca na vida.

Então, eu acho... Quando nós decidimos que a merenda escolar... 30% da merenda escolar teria que ser comprada pelo [do] agricultor local, na cidade, era para a gente dinamizar a agricultura local. Então, essas experiências, essas pequenas feiras, esse pequeno comércio local, que dinamiza a economia local, é o milagre do sucesso da economia brasileira.

Quando houve a crise, você está lembrado que no dia 22 de dezembro de 2008 eu fui para a televisão, dizer para o povo brasileiro consumir. Por quê? Porque havia uma propaganda mundial que o povo ia parar de comprar, e o povo parando de comprar... o povo estava com medo de comprar, fazer dívida, perder o emprego e não poder pagar. Eu fui para a televisão dizer exatamente o contrário, eu fui dizer: “Olha, vocês têm que comprar. Porque, se vocês não comprarem, a fábrica não vai produzir, a loja não vai encomendar, e aí sim é que vai ter desemprego”. Nós temos que comprar com responsabilidade. Então, quando eu chego em um lugar, que eu vejo um comércio, por mais humilde que ele seja, eu acho que a coisa está acontecendo, o milagre está



acontecendo ali.

Então, esse microcrédito, essas pessoas tomando R\$ 20 emprestado, R\$ 30,00 emprestado, é uma coisa que me alegra, porque, para quem mora na Avenida Paulista, para quem mora na Afonso Pena, R\$ 20, R\$ 30 é gorjeta que você dá no uísque depois da meia-noite. Mas, para uma dona-de-casa, pegar R\$ 30 e levar comida para casa, aquilo é um milagre. Então, eu acredito nisso. Acredito piamente, fico feliz que as pessoas comecem a procurar saída, e o que é mais importante: é que, quando mulheres e homens começam a procurar essas saídas, a gente sabe que a gente está evitando de criar um bandido, um assaltante ou um futuro presidiário.

Então, essa coisa, Alexandre, que me deixa feliz, e eu quero cumprimentar todo o povo do bairro da Cohab, quero cumprimentar todos os ouvintes da rádio Santa Luzia, e dizer que, quando eu não for mais Presidente que eu for a Belo Horizonte, você trate de me convidar para um entrevista, que eu vou lá para falar mal do governo.

Luciano Seixas: E agora, a participação de Mamede Leão, da rádio Cidade, na cidade de Ouvidor, estado de Goiás. Mamede, bom dia.

Mamede Leão: Bom dia, Luciano; bom dia, Presidente; bom dia, Brasil. Sou Mamede Leão, da rádio Cidade, de Ouvidor, Goiás. Prazer enorme estar aqui, participando desta conversa histórica, junto com esses combatentes, também, pela democratização da comunicação em nosso país. Eu, juntamente com companheiros da rádio Cidade, e tenho certeza que, da maioria dos membros da Abraço, nós já sofremos muito, Presidente, em luta dessa democratização da comunicação, já enfrentamos até polícia, já tomamos pancada, já tivemos que correr com transmissores aí nas costas, mas penso eu que este é um momento histórico justamente por esse reconhecimento a esse papel importante nosso junto à comunicação em nosso país.



Eu queria, Presidente, que o senhor falasse para nós sobre a refundação do Ministério das Comunicações, ao lado, aí desse grande homem, defensor da democracia da comunicação brasileira, Franklin Martins. E ele disse, categoricamente, que é preciso refundar o Ministério das Comunicações. Queria que o senhor falasse sobre isso, principalmente – não é – novo governo, se o senhor concorda com isso, o que o senhor vai pedir para a próxima presidente Dilma a respeito disso, principalmente pelo fato, também – nessas últimas eleições ficou evidente quem é quem e que, na verdade, a mídia, no Brasil, principalmente a mídia que detém esse poder das concessões públicas, ela tem partido político, e, infelizmente, não é o partido dos trabalhadores do Brasil.

Para finalizar, Presidente, eu quero mandar um abraço, aproveitar o momento, para todos os ouvintes da rádio Cidade de Ouvidor, do programa A Hora da Verdade. Falei que estaria aqui, aqui estou. Programa A Hora da Verdade, aqui o povo tem vez e voz, falando diretamente com o presidente Lula. E, para finalizar, agora finalizando mesmo, Presidente, mandar um abraço para todos os goianos, já que é comunicação e futebol, Goiás será o representante do Brasil aí, vai ser campeão, podem apostar nisso. Obrigado.

Presidente: Bom, ô Mamede, eu estarei torcendo para que o Goiás possa, quarta-feira que vem, derrotar o Independiente, na Argentina, e ir para a Libertadores. Agora, ele, domingo, precisa, precisa... precisa fazer uma bondade. Que não venha aquele pessoal marcar gol no Corinthians.

Mas, Mamede, eu quero cumprimentar todos os ouvintes da rádio Cidade, de Ouvidor, cumprimentar o povo de Goiás, e dizer para você, veja, que nós tivemos muitos avanços. Eu lembro que, quando nós chegamos aqui, o tempo médio de um processo para liberar uma rádio demorava três anos e um mês. Em 2009, nós chegamos a um ano e dois meses, ou seja, houve uma queda. E, como eu disse para vocês, a coisa é tão difícil que a rádio de São



Bernardo e a TV, eu levei oito... oito anos, não. Em [19]85, eu vim aqui... eu vim aqui, na verdade, eu era deputado federal. Eu vim aqui, acho que em [19]86, [19]87, o ministro das Comunicações era o Antônio Carlos Magalhães, o Vicentinho era o presidente do sindicato de São Bernardo do Campo. De [19]87 até agora, quanto tempo dá? Ou seja, 23 anos para a gente conseguir.

O que eu acho que vai acontecer? Eu acho que a Conferência de Comunicação, organizada pela Secom, ela abriu os olhos da sociedade e abriu os olhos do próprio governo para a realidade do que pode acontecer nos meios de comunicação no Brasil e a necessidade... Veja, nós não tínhamos internet até outro dia atrás. Agora, o padrão de comunicação mudou drasticamente. Hoje, uma rádio comunitária, com um computador na mão, vocês podem dar a mesma informação que dá a BBC de Londres, em tempo real. Essa é uma conquista da tecnologia, mas é uma conquista da Humanidade. Você veja o que está acontecendo agora com os telegramas do governo americano: estão desnudando uma sabedoria que todo mundo pensava que era... que os americanos eram melhores do que os outros. Você percebe que fazem as bobagens que todo mundo faz.

Então, eu penso que... o que vai acontecer com o novo Ministério, que a companheira Dilma vai mudar? Ele vai ter mais responsabilidade do que a que nós tínhamos até ontem. Por quê? Porque colocou na pauta a questão da regulação da comunicação. Nós temos o projeto de lei PL 29, que nós discutimos, nesta sala aqui, quase três anos atrás. Discutimos, todo mundo concordava que era preciso aprovar. Estavam de acordo, a Maria do Carmo foi relatora, depois foi o companheiro Jorge Bittar, do Rio de Janeiro, estava tudo certo. Está há três anos, até agora não foi votado. Porque, quando há disposição de votar, vota-se; quando não há, cai em uma comissão ali, pede-se vista e vai levando, a coisa não acontece.

Então, eu acho que o novo Ministério vai estar diante de um novo paradigma de discussão de comunicação. É por isso que eu queria alertar



vocês, companheiros, que precisam formular as propostas porque esse debate vai ser envolvente, vai ter muita gente a favor e vai ter muita gente contra. Certamente nós, que defendemos uma maior interação da comunicação, não vamos ganhar cem por cento, mas, certamente, quem é contra também não vai ganhar cem por cento. Então, se a gente fizer um bom debate, a gente vai conseguir encontrar o caminho do meio, que vai ser importante para todos nós. Eu acho que vai ser esse o papel do novo Ministério da Comunicação, e eu acho que a Dilma tem compreensão disso. Eu não imagino quem ela vai colocar na comunicação. Eu só tenho a convicção de que ela, ao escolher, ela vai ter que escolher uma pessoa que tenha, ao mesmo tempo, uma relação com vocês, tenha uma relação com os outros órgãos de comunicação, mas tenha consciência de que tem que ter uma boa relação com a sociedade para fazer esse debate. Vai ter que ter muito debate, vai ter que se preparar muito, porque você vai ter vocês, das rádios comunitárias, vão ter as televisões, vão ter as telefônicas, vai ter internet, vai ter... Tem um monte de coisa, um monte de coisa que está em jogo nesse momento, e eu acho que o novo Ministério vai cumprir essa tarefa importante. O Franklin vai ajudar, obviamente, mas, de fora, porque ele disse que quer tirar férias, tirar férias de uns dez anos.

Luciano Seixas: Você está ouvindo a entrevista do presidente Lula a rádios comunitárias de todo o Brasil. O áudio da entrevista está disponível, via satélite, para todo o país, no mesmo canal da Voz do Brasil e também na internet, no site da Abraço, www.abraconacional.org – é sem o br –, e também no Blog do Planalto, <http://blog.planalto.gov.br>.

Agora, a participação de Mara Rodrigues, da rádio Fercal, de Sobradinho, Distrito Federal. Bom dia, Mara.

Mara Rodrigues: Bom dia. Bom dia ao presidente Lula. Bom dia a todos os companheiros aqui, das rádios comunitárias. Eu sou a Mara Rodrigues, sou da



rádio Fercal FM, somos filiados à Abraço, a quem eu quero mandar um abraço carinhoso ao Potiguar e ao Sóter, aqui presentes. A rádio Fercal, ela fica a seis quilômetros de Sobradinho II e a 22 quilômetros aqui do Plano Piloto. Nós temos uma particularidade que nós estamos situados em uma região muito montanhosa e temos uma dificuldade muito grande de comunicação. Inclusive, senhor Presidente, nós estamos tão pertinho aqui do Palácio do Planalto e nós não temos comunicação local. Nós não pegamos as notícias de Brasília, nós só vemos as notícias de São Paulo, Rio... E, então, foi uma das necessidades da criação da rádio Fercal, um meio de comunicação entre a comunidade, que hoje está com quase 30 mil habitantes. Mas eu quero dizer que é um grande prazer estar aqui...

Presidente: Até futebol aqui, Mara, até futebol aqui só se vê de São Paulo e Rio.

Mara Rodrigues: Até futebol. Eu vi aqui o pessoal falando aí dos times de futebol, então, é uma situação bem complicada. Mas eu estou muito feliz por estar aqui presente, é uma honra estar aqui de frente ao meu Presidente, mas a minha pergunta para o senhor é a seguinte: Nunca antes na história deste país, um Presidente teve tanta identificação com a luta social e com o seu povo. O senhor acredita que as rádios comunitárias terão um papel importante no governo da Dilma Rousseff, para a gente poder aprofundar ainda mais as conquistas já avançadas?

Presidente: Mara, sabe uma coisa engraçada que eu estou vendo aqui? Até agora, todos – você, eu acho que é a oitava pergunta, a sétima pergunta – ninguém fez curso de impostação de voz.

_____ : Tudo pato rouco.



Presidente: Porque, normalmente, (imitação de voz “grossa”). Uma coisa mais natural.

Mara, nós temos... Uma coisa que eu descobri, durante essa campanha eu descobri isso, porque vários governadores do Nordeste se queixaram é que, na maioria das cidades do interior do Nordeste, as pessoas não viam a propaganda do candidato do estado. As pessoas viam a propaganda dos candidatos de São Paulo, porque ia pela TV [antena] parabólica, ou do Rio de Janeiro. As pessoas pensam que eu sou contra determinadas coisas. Eu não sou contra, só que eu acho que não é normal que a gente não tenha conseguido ainda criar as condições – e eu espero que a gente consiga agora, no marco regulatório – criar as condições para que você tenha a televisão nacional. É importante que as pessoas vejam o que tem em São Paulo, é importante que as pessoas vejam o que tem no Rio de Janeiro, mas é importante que São Paulo e Rio de Janeiro vejam o que tem em Minas Gerais, o que tem no Pará, o que tem em Manaus, o que tem em Porto Velho, o que tem em Roraima. É preciso mostrar uma interação, porque a democracia tem uma mão para ir e uma mão para voltar. Não são só as pessoas de Manaus, as pessoas de Parauapebas, as pessoas de Maués, as pessoas de Porto Velho, as pessoas de Macapá estarem assistindo as coisas apenas com um olhar da cultura do centro-sul do país. Por isso é que nós trabalhamos a necessidade de que você tenha uma programação regional mais forte. Eu, aqui em Brasília, se quiser ver um jogo do Corinthians, eu tenho que ter TV a cabo, senão eu não consigo ver.

Tudo isso, eu acho que a gente pode melhorar, pode melhorar. Agora, não se iludam, não se iludam. Eu acho que nós temos uma correlação de forças no Congresso Nacional melhor do que no governo passado, melhor. Acho que nós poderemos avançar. Torço para isso, o resultado das eleições foi melhor, o Senado foi muito mais flexível, ou seja, nós temos muito mais



senadores, gente com a cabeça mais arejada para fazer esse debate.

Então, Mara, eu trabalho com essa ideia, e você pode ficar certa de uma coisa: a Dilma, ela não veio de onde eu vim, mas ela vai para onde eu vou, ela vai fazer muita coisa. Pode ficar certa de que ela tem... é uma mulher com a cabeça boa, arejada, tem compromissos sociais, tem compromisso com o povo brasileiro e eu acho que ela vai fazer coisas extraordinárias, e vocês podem ficar certos. Eu não conversei com a Dilma, mas posso dizer que ela vai ter uma relação, com vocês, extraordinária, e posso dizer para vocês que ela é uma entusiasta da nova regulação da comunicação no Brasil. Então, vai ser um momento importante que nós vamos viver.

Mara Rodrigues: Obrigada, Presidente.

Luciano Seixas: E agora, a participação de Alan Camargo, da rádio comunitária Integração, de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul.

Bom dia, Alan.

Alan Camargo: Bom dia. Bom dia, principalmente às nossas comunidades que, através das ondas democráticas das rádios comunitárias em todo o país, estão sintonizadas conosco no dia de hoje, um dia histórico. Bom dia, Presidente. Bom dia, ministro Franklin Martins. Para mim, particularmente, e para a comunidade que eu represento é significativo, estar dentro do Palácio do Planalto hoje, falando sobre radiodifusão comunitária, tendo uma entrevista com aquele que é o Presidente singular, aí, do nosso povo, a cara do Brasil.

Presidente, eu queria, primeiro, trazer a esta roda o meu time, o Brasil de Pelotas. Sou xavante, e acredito que todos aqui conheçam, e nós temos ainda um futuro muito promissor pela frente, não como o Corinthians, que tem as possibilidades mais concretas, aí, mas nós vamos ser campeões da Segunda Divisão, agora, no próximo período e vamos dar conta do recado, aí,



no cenário nacional também.

Eu venho de um município chamado Encruzilhada do Sul. Encruzilhada do Sul, em 1995, 96, passou a discutir essa história de comunicação e de tentar se empoderar daquilo que era encastelado no eixo Rio-São Paulo. A partir dali se fundou uma associação, foi a primeira transmissão em ondas FM feita da Câmara de Vereadores de Encruzilhada do Sul, em todo o Rio Grande do Sul. Essa associação garantiu 135 turmas do movimento de alfabetização de jovens e adultos no final da década de 90; reduziu em 15% o nosso analfabetismo na cidade; trabalhou a questão da educação continuada; garantiu, através disso, qualificação para que hoje nós tenhamos uma cooperativa de coleta seletiva, garantiu a qualificação desses trabalhadores. E, nesses 14 anos, já, de existência, nós também recebemos 14 visitas de repressão da Polícia Federal e Anatel e até hoje nós não conquistamos a nossa outorga e estamos aí na luta por isso.

Mas falo hoje de Santa Cruz do Sul. Eu me mudei para Santa Cruz do Sul em função de que, dez anos atrás, eu tentei fazer vestibular para jornalismo, mas não tinha condições de pagar a faculdade. Hoje o ProUni me garantiu isso, dez anos depois retorno à Universidade de Santa Cruz do Sul e faço parte hoje da equipe de correspondentes e repórteres da rádio comunitária de Santa Cruz do Sul e do Jornal dos Trabalhadores, lá no estado, que também contribui com suporte na capacitação, na articulação do jornalismo nas rádios comunitárias no estado. E também... trazer, aí, uma expressão que eu ouvi há poucos dias de uma amiga, lá em Encruzilhada: “Pô, 14 vezes veio a polícia aí, uma estrutura enorme, viatura e tal, mas nunca veio um cara aqui dizer para nós como é que faz a rádio, como é que se qualifica. Tem esse monte de dinheiro para isso, mas não tem o dinheiro para nos ajudar a constituir aquilo que nós queremos, historicamente”.

Presidente, nós já falamos aqui sobre quais são as expectativas do governo Dilma, a relação que o senhor encerra agora, em seu governo, com a



questão da comunicação, mas a pergunta que eu acho que o Brasil está querendo saber muito: qual vai ser o seu papel, agora, como cidadão? O que o senhor vai cumprir no próximo período? Qual é a responsabilidade do companheiro Luiz Inácio no próximo período da nossa nação?

Presidente: Olha, ô Alan, primeiro, cumprimentar os companheiros da rádio comunitária Integração, de Santa Cruz do Sul e dizer que, de longe, eu sou torcedor do Brasil de Pelotas.

Ô Alan, uma coisa: você estava me falando, e eu estava lembrando do que está acontecendo naquela região, na metade sul do Rio de Janeiro... do Rio Grande do Sul. Dez anos atrás, as pessoas diziam que aquela região metade sul do Rio Grande do Sul, que envolve a cidade de Pelotas, era uma região abandonada, que não ia ter mais nada, que o progresso ia desaparecer. O que nós estamos vendo lá agora, a partir do Porto de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, a partir da [BR-]392, que está sendo duplicada pelo governo federal, a gente vai ter, na minha opinião, uma coisa excepcional de desenvolvimento daquela região outra vez, combinando o setor produtivo com o setor de serviços naquela região.

Eu tenho a convicção, Alan, de que o fato de você ter podido fazer uma universidade, nós vamos garantir a muito mais gente fazer coisas, daqui para frente. Veja, nós, ontem... antes de ontem, eu inaugurei, com o Fernando Haddad, 30 escolas técnicas simultâneas e 25 *campi*. No dia 31 de dezembro, quando eu estiver tirando a faixa, passando ela para entregar para a Dilma, nós teremos inaugurado no Brasil 126 *campi*, teremos inaugurado 14 universidades federais e teremos inaugurado 214 escolas técnicas neste país. Portanto, muito mais jovens vão ter mais oportunidade de estudar do que ser o sacrifício que você fez.

Além do quê, nós aprovamos, agora, o Fies. Você sabe que o Fies era um plano de financiamento em que tinha um problema nele, ou seja, o jovem



chegava lá para fazer o financiamento para fazer universidade, ele tinha que arrumar um fiador, e ninguém quer ser fiador de ninguém, ninguém quer ser fiador de ninguém. Quando eu estava na fábrica, quando você ia alugar uma casa, você procurava um fiador. Aí você falava com um companheiro: “Ô Franklin, você vai ser meu fiador?”. O Franklin falava: “Ô Lula, pode deixar, companheiro, que eu vou falar com a minha mulher”. Aí, no dia seguinte, ele chegava lá: “A minha mulher não deixou”. Porque, na verdade, assumir o papel de fiador é assumir o papel de tomar conta de um cara que você não sabe se vai pagar.

Então, nós, agora, fizemos uma coisa interessante: nós... o Estado é o garantidor. Então, hoje... a partir do ano que vem, qualquer jovem vai poder estudar, ele vai poder fazer um financiamento, ele vai pagar R\$ 50,00 a cada trimestre, e ele vai ter como tempo de carência o triplo do tempo que durar o curso. Por exemplo, se um curso for de quatro anos, ele vai estudar e vai ter... somente depois de 12 anos é que ele vai começar a pagar. Se ele fizer Medicina e for trabalhar para o SUS, ele não paga nada. Se ele fizer em Humanas e for dar aulas, ele também não paga nada. Então, essa eu acho que é uma revolução excepcional que vai acontecer no Brasil nos próximos anos. Eu peço a Deus que a gente possa, daqui a algum tempo, em qualquer lugar do mundo, a gente dizer: No Brasil, qualquer um tem o direito de estudar, porque o Estado brasileiro garante que esse povo possa frequentar a escola.

Bem, dito isso, para poder... Eu falei da Educação para poder mostrar o meu orgulho de você ter feito Jornalismo, não sei se pelo ProUni, não sei se...

Alan Camargo: Presidente, segundo semestre como acadêmico de Jornalismo, e “ProUnista”.

Presidente: Olha aí.



Alan Camargo: E, só para aproveitar, então, já que peguei o microfone de novo, nós estamos trazendo uma solicitação da nossa região, lá da nossa comunidade, pela construção da Casa do Estudante em Santa Cruz do Sul, porque nos é uma deficiência grande, porque nós temos acesso à universidade, mas nós não temos condições ainda de permanência. Então, vai chegar, às suas mãos, também um protocolo aí ...

Presidente: Isso.

Alan Camargo: ...de solicitação da Casa do Estudante.

Presidente: Então, eu fico feliz que... Eu tenho encontrado muita gente... O ProUni foi uma revolução neste país que... Eu tive o prazer de participar da formatura dos primeiros 400 alunos que se formaram em Medicina. E o que é importante no ProUni é que 40% dos alunos são negros e negras. O ProUni, sozinho, tem mais jovens negros na universidade do que tudo que passou pela universidade brasileira ao longo de 500 anos no Brasil. Essa é uma coisa que a gente só vai sentir mesmo daqui a 10, 15 anos, quando essa gente estiver toda no mercado de trabalho, e a gente começar a ver médico negro, dentista negro, gerente de banco negro, coisa que a gente, habitualmente, não vê no nosso mundo.

O que eu vou fazer depois, Alan? O que faz um aposentado. Eu, na verdade, eu tenho dito que eu, primeiro, preciso “desencarnar” da Presidência. Eu tenho uma relação muito forte com o povo brasileiro, construída ao longo de 35 anos de militância política. Eu vou sair do governo em uma situação altamente privilegiada, com orgulho imenso de ter conseguido contribuir para eleger a primeira mulher presidenta deste país, e eu preciso contribuir para que ela possa fazer uma Presidência excepcional. Então, o primeiro passo que eu tenho que dar é “desencarnar” da Presidência, eu tenho que me mancar. Ou



seja, eu já fui Presidente. Então, agora é a vez dela ser Presidente. Então, eu vou ter que ficar um pouco de fora para depois eu começar a pensar o que eu vou fazer. Eu não vou parar de fazer política, eu só tenho que tomar cuidado para não ficar fazendo oposição ao governo, porque a vida inteira eu fiz oposição. Então, eu preciso me mancar.

Eu vou criar um instituto, mas vou criar muito devagar, para pensar o que eu vou fazer. Eu tenho vontade de levar as experiências bem-sucedidas no Brasil – na agricultura família, nas cooperativas, no microcrédito – para países africanos e países latino-americanos mais pobres do que o Brasil, sobretudo o continente africano. Nós temos experiências muito ricas aqui. A experiência do Territórios da Cidadania, que ainda é uma coisa em implantação no Brasil. Na hora em que a gente consagrar o Territórios da Cidadania, no Brasil, vai ser o modelo... Aí a gente pode dizer que houve uma revolução pacífica de verdade, porque é uma coisa... Eu acho o mais perfeito programa que nós temos hoje no Brasil, que ainda está em implantação, ou seja, é uma coisa que está em um processo de maturação.

Então, eu tenho vontade de – Guatemala, El Salvador, Nicarágua, esses países mais pobres, mas, sobretudo, a África, onde a gente já tem sede da Embrapa – viajar, ficar um tempo lá, levar companheiros especialistas do Brasil, e tentar ver se a gente consegue ajudá-los. E continuar andando pelo Brasil. Continuar andando muito pelo Brasil, eu quero viajar muito o Brasil, quero viajar de carro, quero viajar de ônibus, quero viajar de trem, quero viajar de barco, porque é isso que eu aprendi a fazer, e eu acho que também a gente tem que ser o motivador da sociedade.

Eu tenho falado muito para a juventude que a única coisa que não vale na nossa passagem pela Terra é a gente perder a esperança, é a única coisa que não vale. Nenhum ser humano tem direito de perder a esperança. Deus nos deu o dom da vida, que é a coisa mais sagrada. A partir daí, a gente tem que lutar cada dia. Para mim, não te adversidade; para mim, qualquer



obstáculo que aparece na minha frente é uma motivação para eu vencê-lo. Foi assim que eu cheguei à Presidência da República, foi assim que nós fizemos um bom governo. E é isso que eu vou continuar fazendo, sendo um bom ex-presidente da República, sem atrapalhar quem estiver governando este país. É isso o que eu vou fazer, com muita tranquilidade, mas primeiro eu quero descansar. Certamente, o Franklin vai me convidar a ir passar uns dias com ele no Espírito Santo, em uma boa praia, comer um lagostim, poder tomar uma cervejinha gelada sem medo de alguém estar fotografando...

Jornalista: Presidente, eu gostaria de fazer um convite, já, para o senhor, então. Antes mesmo de deixar de ser Presidente, participar do Congresso da Abraço, que vai acontecer aqui em Brasília.

Presidente: Quando?

Jornalista: Agora, do dia 16... 15 a 19 de dezembro, agora. Antes mesmo, a gente gostaria, como o senhor disse que há esperança... Na sexta-feira passada, ainda em Curitiba, lá na nossa rádio comunitária Maria Rosa, a gente se despediu de um grande companheiro, o (incompreensível), que passou desta para uma outra existência, e a esperança dele era ver o senhor, um dia, num evento das rádios comunitárias. E aqui está o convite, então, oficialmente feito...

Presidente: De 15 a 19?

Jornalista: De 15 a 19.

Presidente: Eu estou falando a data porque o Cezar Alvarez está aqui, que é quem vai marcar a minha agenda. Eu, se estiver aqui em Brasília, te digo que



terei imenso prazer...

Jornalista: Sérgio, é contigo, então, hein?

Presidente: ...em dar uma passada lá. Terei imenso prazer em dar uma passada lá.

Jornalista: Tenho certeza, Presidente, de que todos os comunicadores do Brasil que estão hoje, aí, ligados através da internet e também dessa transmissão que está sendo feita, direto, vão ter o imenso prazer de tê-lo conosco, e o Brasil inteiro, que... O senhor tem essa responsabilidade, o senhor resgatou a autoestima desse povo. E nós, da rádio comunitária, queremos estar sempre lembrando disso, e seria muito prazeroso, mesmo, ter o senhor conosco, até para melhorar o nosso debate, como o senhor já deu a responsabilidade para a gente melhorar o debate, qualificar ele, para a questão da democratização da Comunicação e implementação do novo marco regulatório e tantas coisas que a gente precisa melhorar neste país na Comunicação, não é? Então, acho que essa vai ser a oportunidade de a gente coroar a sua despedida da Presidência.

Presidente: Inês, você sabe que esse negócio da autoestima... quando eu estava no Sindicato, eu saí do Sindicato e o Meneguelli foi eleito presidente do Sindicato, isso em 19[83] - acho que 19[83], 19[81] - e eu passei a ser tratado como se eu fosse um “levanta moral”. O pessoal fazia greve e quando a greve estava fracassando, que os companheiros estavam querendo voltar a trabalhar – porque a greve tem um período em que está todo mundo excitado para fazer a greve, mas depois de um certo tempo, quando ninguém quer negociar, as pessoas começam a ser preocupar: “e a conta de luz, o leite, o aluguel, e não sei o quê...”, o cara começa a se preocupar, e é normal.



Então, o pessoal falava: “Ô Taturana – alguns me chamavam de Taturana – você precisa ir à porta de fábrica porque o pessoal está de cabeça baixa, você tem que ir lá levantar o moral da tropa”. E o meu papel era ir lá para levantar o moral da tropa. Eu acho que nós levantamos o moral do Brasil, porque sabe o que acontece? Todo ser humano é orgulhoso. Não o orgulhoso da empáfia, mas o orgulhoso de si, do seu potencial, daquilo que ele pode fazer.

O que mais me incomodava – eu viajei muito o mundo, antes de ser presidente do Brasil – o que mais me incomodava era que nós viajávamos para falar mal do Brasil. Está assim de entidades no Brasil que viajam para falar mal do Brasil lá fora, porque recebem uma ajudazinha de uma... sobretudo, uns dez anos atrás, estava cheio de gente lá que dava dinheiro para ONG se organizar aqui para falar mal da gente. Ora, eu aprendi... eu fui muitas vezes lá fora falar mal do Brasil, falar da mortalidade infantil, falar... a gente trabalhava com números absurdos. E eu sentia que a gente tinha um quê de, de... de não se respeitar, ou seja, nós achávamos que os outros eram sempre melhores do que a gente.

Então, eu acho que nós mudamos, nós fizemos uma inversão do jogo. Nós não precisamos ganhar a Copa do Mundo para sermos bons, nós não precisamos ser os melhores no Carnaval, nós precisamos apenas ser brasileiros e gostar de nós como nós somos, do jeito que nós somos, essa miscigenação, essa mistura, parece uma salada de frutas, parece... que é uma coisa gostosa, que é o nosso jeito alegre, o nosso jeito puro de fazer as coisas. Nós somos muito duros quando precisamos ser duros, mas somos muito alegres quando precisamos ser alegres.

O Brasil jogou um papel importante na discussão do clima, em Copenhague, o Brasil é que balizou, o Brasil é que está provando que tem mais competência. O desmatamento que nós anunciamos ontem é o menor de 22 anos, desde que a gente marca. Hoje, nenhum país do mundo tem autoridade



moral para falar do Brasil sobre a questão do clima, porque nós temos a proposta mais ousada, porque nós temos a proposta mais contundente. Na crise econômica, ninguém tem mais autoridade moral para dar palpite em cima do Brasil, porque nós dissemos que a crise chegaria por último aqui e que ela acabaria primeiro, e isso aconteceu. Quem está em crise ainda é os Estados Unidos, quem está em crise ainda é a Europa, não é mais o Brasil.

Então, nós aprendemos a respeitar as coisas que nós fazemos e isso mexeu um pouco com o brio da sociedade. Hoje, qualquer brasileiro que viaja para o exterior volta orgulhoso, qualquer brasileiro que viajar volta orgulhoso de ver como é que o Brasil está supimpa lá fora. Todo mundo fala bem do Brasil... Antigamente, só falava bem de americano, de alemão, de japonês. Agora, não. Agora, é de brasileiro. Então, eu acho que isso é uma coisa legal, porque é pelas nossas qualidades, não é pelas nossas fraquezas.

Então, eu quero dizer para vocês, olha, do meu carinho de poder ter tido esta conversa. Nesses dias eu fiz uma entrevista com os blogueiros, aqui. Um presidente da República não pode fazer isso muitas vezes porque a agenda é um verdadeiro martírio. Mas eu queria dizer para vocês que o carinho que eu tenho pela rádio comunitária é de muito antes de eu ser presidente da República, muito antes. Acho que quando chega... a gente chega à Presidência, a gente vem para cá com três problemas, e chega aqui, a gente é tomado por um milhão de problemas, ou seja, um monte de coisas. Certamente, nós poderíamos ter tido uma relação melhor, certamente nós poderíamos ter feito mais coisas.

Hoje, quando eu estava discutindo com alguns companheiros que estavam me falando de algumas demandas, eu dizia para eles: essas demandas nunca chegaram a mim em oito anos de Presidência. Significa que as demandas devem ter parado em algum lugar, que não chegaram a mim. Porque eu nunca, eu nunca me neguei a fazer uma reunião com quem quer que seja, nunca. A última dívida que eu tinha para pagar, com o movimento



social, era um compromisso com o MAB, o MAB que durante todo o tempo protestava, a cada vez que eu ia inaugurar uma hidrelétrica. Eu fui inaugurar Estreito, e quem estava lá comigo? Os companheiros do MAB, porque nós fizemos um protocolo para a gente tratá-los como cidadãos, ou seja, não é apenas dizer que o MAB é radical, é dizer que muitas vezes o Estado brasileiro estava com dívida com os atingidos por barragens e que se a gente quiser respeito, a gente tem que cumprir.

Então, nós fizemos um protocolo. Assinei um protocolo com os usineiros de São Paulo e com os trabalhadores rurais do corte de cana, um acordo de humanização do mundo do trabalho no corte da cana, que vale para Goiás, que vale para vários lugares; ou seja, o pessoal toma água geladinha, o pessoal tem banheiro, o pessoal tem uma comidinha quente para comer, o pessoal tem ônibus decente para levar.

Então, eu acho que nós conseguimos avançar. Certamente, nós temos muita coisa para fazer, muita, muita, muita, Inês, e eu acho que o nosso trabalho é continuar sabendo o seguinte: o desejo do ser humano e as aspirações do ser humano são infinitos. Eu aprendi na minha vida, antes de ser Presidente, e agora como Presidente, que é bobagem a gente imaginar que atendendo a uma reivindicação de um setor, aquele setor vai dizer “obrigado” duas vezes. Ele vai dizer “obrigado” para receber e vai dizer: “Olha, queremos mais coisas”. E graças a Deus é assim, porque isso significa que a gente vai consolidando, cada vez mais, a democracia. O cidadão comeu uma vez por dia, ele quer comer duas; comeu duas, quer comer três; comeu três, ele quer sobremesa; teve sobremesa, ele quer o cafezinho; teve o cafezinho, ele quer um digestivo; e assim vai a vida. Isso que é bom, porque vai consolidando... Então, eu sou agradecido a vocês pela persistência...

Alan Camargo: Presidente, a última só. Como as demandas não chegam e estamos aqui com... frente a frente, o ministro Franklin está aí também, as



rádios comunitárias necessitam não só preencher o conjunto de 30 mil localidades deste país, como também do financiamento para isso. É o momento, e isso é uma reivindicação histórica, de abrir o caixa que é aberto para o monopólio também para o setor de radiodifusão comunitária, porque nós podemos levar, inclusive, internet, banda larga gratuita a todas essas 30 mil localidades. Obrigado, Presidente.

Jornalista: Só para finalizar também, Presidente, queria só fazer uma pergunta que a gente faz para todos. Afinal, Presidente, rádio comunitária derruba avião ou derruba tubarão?

Presidente: Eu acho... Olha, eu, primeiro, fico feliz, Alan, com essa cobrança, porque significa que nós ainda temos dívidas, e não são dívidas do meu governo. São dívidas do Estado brasileiro em se modernizar e conseguir fazer com que as coisas sejam mais equilibradas. Acho que, sobretudo, o companheiro Franklin Martins teve um avanço extraordinário na partilha de recursos públicos para a Comunicação. Para a Cultura, o Ministério da Cultura fez muito, mas ainda falta muito. Nós ainda... nós temos consciência de que falta muito e vamos avançar nisso.

E segundo, eu, sinceramente, não sou técnico ou especialista para dizer que rádio comunitária derruba avião. Obviamente que qualquer rádio que interferir no sistema do avião pode criar um problema. Mas eu acho que hoje ela preocupa muito mais o tubarão do que o avião, acho que ela preocupa. E é uma bobagem, porque as pessoas deveriam ajudar a facilitar o trabalho prestado. Este país é tão grande, gente. O que não pode é um cidadão de Quixeramobim ficar pensando política pelo comentário de uma pessoa da capital paulista ou da capital carioca. Seria importante que ele tivesse um pouco da realidade local dele. Porque, daqui a pouco, ele está esquecendo até da macaxeira que ele se habitou a falar e está falando aipim. Quando, na



verdade, para nós é macaxeira lá.

Então, eu acho que isso... eu tenho convicção de que nós vamos avançar. Eu tenho... há uma coisa já mais madura na sociedade. Eu, sem ser presidente da República, vou poder fazer discurso que eu não faria como presidente da República. Portanto, eu vou poder... É verdade, como presidente, eu sou uma figura, eu não sou o Lula, eu sou uma instituição que eu tenho que me comportar, mas como cidadão brasileiro eu tenho muito mais liberdade para falar as coisas, para dizer as coisas, para cobrar as coisas, sabe? Vamos, ver. Nós vamos estar juntos aí, o dado concreto é o seguinte: não pensem que vocês vão se livrar de mim, porque nós vamos estar juntos em algum lugar desse país.

Luciano Seixas: Companheiros, infelizmente nós temos que encerrar esta entrevista e uma excelente notícia nesse final de programa, vamos dizer assim, o Blog do Planalto nos informa que neste momento temos mais de cinco mil pessoas acompanhando a entrevista, pela internet, só no Blog do Planalto, inclusive de fora do país: Chile, Estados Unidos, Portugal, Alemanha e Argentina. É uma prova da nova dimensão da comunicação, não é? Nós estamos...

Presidente: Ninguém de Garanhuns? (risos)

Luciano Seixas: Com certeza, Presidente. Isso só no Blog do Planalto, fora a página da Abraço e as emissoras comunitárias que estão retransmitindo e todas as outras emissoras que puderam pegar o sinal no mesmo canal da Voz do Brasil.

Nós estamos encerrando neste momento a entrevista do Presidente Lula a rádios comunitárias de todo o país. Agradecemos a presença de Inês Fortes,



da rádio Maria Rosa, de Curitiba, Santa Catarina; Geronino Barbosa, da rádio Heliópolis, de São Paulo, capital; João Moreno, da rádio Líder, Recanto das Emas, Distrito Federal; Jerry Oliveira, da rádio Oito de Dezembro, de Vargem Grande Paulista, São Paulo; Alexandre Nery, da rádio Santa Luzia, de Santa Luzia, em Minas Gerais; Mamede Leão, da rádio Cidade, de Ouidor, Goiás; Mara Rodrigues, da rádio Fercal, de Sobradinho, Distrito Federal; e Alan Camargo, da rádio comunitária Integração, de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul.

Muito obrigado Presidente Lula, até a próxima segunda, no Café com o Presidente.

Presidente: Obrigado a você, Luciano e obrigado a vocês. Que Deus nos ajude a companheira Dilma a fazer o melhor governo da história desse país. Eu espero que a Dilma comece a dizer todo dia: “Nunca antes da história do Brasil” – se ela disser “nunca”, aí vai ser melhor porque significa que ela vai estar passando o próprio governo que ela participou para trás.

Então, eu quero dizer para vocês muito obrigado, continuem sendo o que vocês são, desafortunados, reivindicadores, protestadores, mas sobretudo comunicadores populares. O Brasil precisa disso.

Luciano Seixas: Esta entrevista foi uma parceria da Secretaria de Imprensa da Presidência da República com a Associação Brasileira de Rádios Comunitárias – Abraço – e a EBC Serviços.

Muito obrigado a todos e até uma próxima oportunidade.

(\$31DGJLP)